



## RESENHA

### RESENHA CRÍTICA DO LIVRO “CIÊNCIA DA RELIGIÃO: contexto e pressupostos”

#### *CRITICAL REVIEW OF THE BOOK “STUDY OF RELIGION: context and assumptions”*

#### *RESEÑA CRÍTICA DEL LIBRO “CIENCIA DE LA RELIGIÓN: contexto y supuestos”*

SILVA, Maurílio Ribeiro da. **Ciência da religião: contexto e pressupostos**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2022. [recurso eletrônico].

**Fábio Leandro Stern \***

O livro *Ciência da religião: contexto e pressupostos* é uma obra importante para estudantes de ciência da religião (C.R.), leitura recomendada a todos os cursos de graduação e pós-graduação. O livro se propõe acessível a todo interessado em conhecer a disciplina, abordando a evolução histórica e teórica (referida no livro pela palavra *epistemologia*) da C.R., destacando as diferenças entre a institucionalização na Europa e nas Américas.

A apresentação e prefácio foram escritos por Flávio Senra e Dilaine Sampaio, na época coordenações da Área de Avaliação de C.R. e teologia na CAPES. Chama a atenção, em especial, o texto de Sampaio, que logo no primeiro parágrafo distingue claramente a C.R., que adota a religião como objeto principal de estudo, das outras ciências humanas (antropologia da religião, sociologia da religião, psicologia da religião, geografia da religião, para citar as nominalmente ressaltadas por ela), que estudam religião de forma tangencial. No entanto, a autora da Paraíba parece reforçar uma indefinição entre *área do*

---

\* Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciado em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Santa Maria. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. ORCID: 0000-0001-5642-0299. E-mail: flstern@pucsp.br.

*conhecimento e área de avaliação* ao falar da história da C.R., objetivamente dizendo: “no contexto europeu a disciplina surgiu afastando-se e marcando fortemente sua distinção em relação à Teologia. Em nosso país, as duas disciplinas dividem a mesma área de avaliação”. E na sequência, inclui a fundação do mestrado em teologia da PUC-Rio como marco histórico da pós-graduação em C.R. Talvez isso se deu pela posição que Sampaio ocupava na ocasião. Como representante tanto de cientistas da religião quanto de teólogos na CAPES, Sampaio não podia abrir margem para futuras rupturas entre as duas disciplinas. Todavia, se este volume se pretende como uma apresentação da história da C.R., não nos parece lógico ou até mesmo relevante mencionar a fundação de um mestrado em teologia.

O volume possui uma característica peculiar: o autor preferiu escrever o nome *ciência da religião* no singular, algo incomum fora da PUC-SP. Da Silva, apesar de vinculado à PUC Minas, cujo programa utiliza o nome da disciplina no plural, seguiu o entendimento de outro colega desta instituição, o professor Fabiano Campos, de que os seus pais fundadores pensavam a C.R. com autonomia.

Sobre a estrutura, o livro foi organizado de forma muito similar à tese de Matheus O. Costa, defendida em 2019 na PUC-SP. Até mesmo os pais da disciplina listados são os mesmos: Müller, Tiele e Chantepie de La Saussaye, com o acréscimo de Wach, que não aparecia na tese do programa paulista. Diferente de outras ciências, não existe consenso sobre quem são os fundadores da C.R.; Müller e Tiele são os únicos sempre mencionados, mas qualquer outra pessoa além deles dependerá da compreensão que se tem sobre a disciplina. A estruturação do livro também se divide em uma parte sobre a história internacional e outra sobre a história regional, algo que também foi feito por Costa. E dentro da proposta apresentada de fases da C.R. brasileira, até mesmo a divisão em três períodos se repete tal como na tese de Costa, com dois deles tendo nomenclatura muito similar: uma *fase formativa* e uma *fase de expansão*.

Mencionamos tais similitudes, pois a tese de Costa não é mencionada no volume. A C.R. brasileira, infelizmente, ainda tem um grande desafio em estabelecer redes de citação de seus pares. Em outras palavras, por um problema da cultura acadêmica da C.R. brasileira, que supervaloriza autores de todas as outras ciências humanas menos os próprios formados em C.R., muitas vezes há pessoas estudando as mesmas coisas e chegando a conclusões similares, mas que acabam não se citando. Como Ludwick Fleck comenta em *A gênese do pensamento científico*, uma característica de uma disciplina acadêmica é justamente a autorreferenciação. Ou seja, cientistas preferem citar pessoas de sua própria ciência ao fazer os seus trabalhos acadêmicos (trânsito intradisciplinar), ainda que possam também recorrer

a outros autores (trânsito interdisciplinar). Mas no caso da C.R. brasileira, isso ainda não acontece.

O primeiro capítulo é intitulado *A ciência da religião*, no qual da Silva divide a consolidação da C.R. enquanto disciplina acadêmica em três fases. Na primeira, o autor trata do período pré-institucional, estendendo-se desde os filósofos pré-socráticos até as pesquisas de Müller no século XIX. Nessa seção, da Silva demonstra, influenciado, até certo ponto, no método arqueológico de Foucault, que a disciplina não teve um começo do nada. A C.R. se desenvolveu dentro de um contexto histórico específico e foi influenciada por eventos e pensamentos anteriores a ela. O regime discursivo próprio do século XIX, que também fomentou a fundação de outras ciências humanas, foi o responsável pela emergência da C.R. enquanto nova ciência.

Na segunda fase, quatro autores são apresentados como aqueles que teriam formado e institucionalizado a C.R.: Müller, Tiele, Chantepie de la Saussaye, e Wach. Aqui devemos elogiar a visibilidade dada a autores clássicos, algo ainda inaudito na maior parte dos cursos brasileiros da área. Porém, pareceu curiosa a inclusão de Wach na fase formativa, pois ele escreveu meio século depois de Müller, quando já havia alguns congressos internacionais e cátedras em parte do oeste da Europa. Chama ainda mais à atenção que a principal obra de Wach, os *Prolegômenos*, aparece como parte central do terceiro período, que trata não da formação, mas da expansão da C.R., o que gerou confusão sobre essa inclusão de Wach na segunda fase.

No terceiro período, da Silva narra o desenvolvimento de associações e periódicos e a criação de novas teorias e metodologias na pesquisa científica sobre religião. Destaca-se como um dos pontos positivos o autor ter explicado que o termo *história da religião* foi utilizado em universidades do mundo como sinônimo de C.R., apresentando ao leitor brasileiro uma variação do nome da área internacionalmente que, muitas vezes, é cooptada por historiadores no Brasil.

Entretanto, no segundo capítulo, intitulado *Estudos da religião nas Américas*, a nomenclatura *estudos da religião* foi aplicada sem o mesmo cuidado. Nesse sentido, a expressão inglesa *study of religions*, que é a forma como os países de língua inglesa se referem à disciplina, pode parecer pulverizado ao leitor não familiarizado com os nomes internacionais. Talvez essa confusão tenha se dado porque, assim como no Brasil, na maior parte dos Estados Unidos a C.R. (ou mais especificamente, o *study of religions*) é entendida mais como uma colcha de retalhos de várias ciências humanas do que como uma disciplina autônoma, mais ou menos no mesmo espírito da nomenclatura *ciências da religião*. Como

ponto positivo, o autor demonstrou com clareza a intromissão da teologia em programas americanos de C.R., tanto nos Estados Unidos (teologia evangélica) quanto na América Latina (teologia católica), o que gera impactos importantes a respeito de uma maturação e independência profissional de seus formados, que historicamente se mantêm *tutelados* por agentes eclesiais.

Por fim, o último capítulo fala sobre a história da C.R. brasileira. Assim como no cenário internacional, da Silva dividiu o capítulo em três fases: pré-história, institucionalização e expansão. A fase pré-institucional foi descrita como mais descritiva e menos sistemática, dando especial atenção à psiquiatria brasileira, mas citando também como outras humanidades foram se institucionalizando enquanto espaços de estudo científico das religiões muito antes da C.R. chegar. *Aqueles que chegaram primeiro* – utilizando o termo de Alex Mendes para se referir a estas outras disciplinas –, marcaram seu território enquanto fundadores da pesquisa científica sobre religiões. E, em nossa leitura, isso pode ser o que fortifica a manutenção da nomenclatura plural da área na maioria dos cursos brasileiros.

A segunda fase se foca em especial no curso da UFJF, que apresentou idas e vindas em sua regulamentação. Entretanto, o texto falha em não apresentar o FONAPER e a invenção das licenciaturas em C.R. por eles. As primeiras tentativas de graduações em C.R. da UFJF tinham como modelo o bacharelado, o que mantinha certa dúvida sobre onde um bacharel em C.R. atuaria após se formar. Ao atrelarem o ensino religioso escolar à licenciatura, o FONAPER inaugurou em Santa Catarina, na UNISUL (Palhoça) e posteriormente na FURB (Blumenau), um modelo de graduações com clareza de atuação de seus egressos. Esse modelo foi copiado por várias universidades, tanto públicas quanto particulares, e é o principal agente justificador da abertura de novos cursos de C.R. no Brasil até hoje. A ausência dessa passagem histórica importantíssima é uma lacuna importante, o que faz parecer que o autor se focou nas pós-graduações em desconexão com a história das graduações. Como Santa Catarina é o estado que historicamente possuiu o maior número de graduações em C.R., mas sem nunca possuir uma pós-graduação *stricto sensu*, sua história parece não ter sido considerada.

Por fim, a terceira fase aborda o período de crescimento e consolidação da C.R. como disciplina acadêmica no Brasil. Assim como a segunda fase, o foco do autor privilegia as pós-graduações, e ignora o papel do FONAPER. O texto fala bastante sobre a ANPTER/ANPTECRE, priorizando um seminário ocorrido em 2000 na UFJF como catalisador para o desenvolvimento e a expansão da C.R. Discordamos da relevância deste

evento na abertura de novos cursos. Em nossa análise, o seminário foi importante para reunir diferentes programas, e crucial para se começar a pensar teoricamente o que é C.R. Até então, cada curso agia de forma desconectada. Após o evento, marca-se o início de uma mudança que levaria ao estabelecimento das primeiras redes acadêmicas entre pesquisadores de instituições diversas. Mas entendemos que isso não fomenta a criação de novos cursos. O principal agente de consolidação institucional e expansão dos cursos foi, justamente, a invenção das licenciaturas em C.R. Em nosso entendimento, a expansão das pós-graduações ocorre como reflexo da maior difusão das graduações.

Apesar destas divergências de interpretação da história da C.R. brasileira, consideramos que o livro *Ciência da religião: Contexto e pressupostos* é uma leitura recomendada. A obra atende às demandas apresentadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para que as licenciaturas da área ensinem obrigatoriamente a história da C.R. Este livro também se destaca por oferecer uma visão abrangente para estudantes e cientistas da religião da história da disciplina que raramente é encontrada em língua portuguesa. Além disso, fica o convite para uma futura edição revisada do livro que possa incluir a história das licenciaturas e explorar melhor o papel inalienável do ensino religioso na consolidação e expansão da C.R. no país.

*Recebido em: 04-12-2023*  
*Aprovado em: 31-01-2024*